

**DOSSIÊ: MOBILIDADES, CONTATOS E COLONIZAÇÃO NA ANTIGUIDADE
GREGA**

**DOSSIER: MOBILITIES, CONTACTS AND COLONIZATION IN THE ANCIENT
GREECE**

DOSSIER : MOBILITÉS, CONTACTS ET COLONISATION DANS L'ANTIQUITÉ GRECQUE

Organização:
Arianna Esposito
Airton Pollini
Fábio Vergara Cerqueira

Vol. XV | n°29 | 2018 | ISSN 2316 8412



EDITORIAL

Mobilidades, contatos e colonização na antiguidade grega

É com alegria que publicamos este dossiê, que consolida a revista *Cadernos do LEPAARQ*, nacionalmente, como um veículo que, com uma visão abrangente das áreas de arqueologia, antropologia e patrimônio cultural, afirma-se como espaço qualificado para o acolhimento e divulgação dos resultados de pesquisa em Arqueologia Clássica. Ademais, contribui também para o avanço dos caminhos já trilhados pelo periódico em termos de internacionalização. O dossiê é fruto, desde sua coordenação por Arianna Esposito, Airton Pollini e Fábio Vergara Cerqueira, de uma cooperação internacional, composta por pesquisadores nacionais e europeus, atuantes em universidades brasileiras e francesas, com a proposta de promover um debate atualizado sobre o tema, que envolva pesquisadores dos dois lados do Atlântico. Igualmente internacionalizado foi o processo de arbitragem dos textos, com a participação de avaliadores brasileiros e europeus.

A publicação deste dossiê significa o cumprimento de uma das metas do Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga - LECA/UFPel, no sentido do fomento à Arqueologia clássica no Brasil. Ao mesmo tempo, ao contribuir para os estudos sobre o processo de colonização grega, cumpre também um dos objetivos previstos no escopo do projeto sobre Iconografia da Música, Cultura Material, Identidade e Relações Interculturais Greco-Indígenas na Magna Grécia, apoiado pelo CNPq, por meio de Bolsa Produtividade, assim como pela CAPES e Fundação Humboldt/Alemanha, por meio de Bolsa de Pesquisador Experiente.

A proposta, além de tratar de um assunto central para pensar o Mediterrâneo antigo e suas interconexões com as regiões continentais circunvizinhas, dialoga diretamente com debates políticos e sociais altamente contemporâneos no mundo globalizado, tendo ao mesmo tempo interlocução com discussões teóricas em curso nas Humanidades. Migrações e mobilidades, contatos coloniais e pré-coloniais, interculturalidade e hibridização, diásporas e (des)colonização, violência bélica, negociações comerciais e casamentos interétnicos, conflito e coabitação, são todos temas absolutamente atuais, quer pensemos no mundo contemporâneo, quer pensemos nos renovados desafios para a compreensão da Antiguidade.

É preciso ressaltar que esse dossiê terá um papel importantíssimo de apoio aos estudantes e professores de Arqueologia clássica e História antiga, assim como uma contribuição decisiva ao fomento à pesquisa sobre o mundo colonial grego nas universidades brasileiras. “Mobilidades, contatos e colonização na Antiguidade grega” oferece a primeira coletânea de textos em português dedicados especificamente à compreensão do fenômeno da colonização, que estimula a pensar a Grécia antiga não como um conjunto fragmentado de *poleis*, visão outrora (e mesmo ainda) bastante frequente em certa historiografia e em

muitos manuais didáticos que circulam em nosso país, mas como um mundo dinamicamente interconectado em redes as mais variadas, constantemente alimentadas por mobilidades e diálogos interculturais, igualmente os mais variados, conforme os diferentes povos e diferentes regiões em que se estabeleciam as instalações coloniais (ou mesmo as variantes conhecidas como relações pré-coloniais).

Nos últimos dez anos, ocorreu uma notável expansão do ensino público superior em nosso país que, entre suas consequências, teve a criação de novos cursos de Arqueologia e de História, assim como a expansão daqueles já existentes. Essa movimento trouxe consigo uma grande renovação, dando a oportunidade a uma geração de novos doutores, em Arqueologia clássica ou em História antiga, de alcançar postos estáveis como professores e pesquisadores, o que alavancará um incremento ainda maior na área. Contudo, no que se refere aos estudos da colonização grega (termo, como se lê nos textos que seguem, que suscitou e suscita muita discussão conceitual no âmbito do pensamento pós-colonial), nosso estudante não contava até o momento com material de síntese na língua nacional, que seja abrangente e atualizado, e que minimamente se esforce para um visão de conjunto do fenômeno, levando em conta sua complexidade. Mas, a partir de agora, passa a ter este material à disposição. É evidente que não exaure o tema, dada sua vasta amplitude geográfica, mudanças ao longo do tempo (quatro séculos), diversidade de paisagens culturais, e a enorme variedade de povos que estabelecem estes encontros culturais com os gregos, e que, num processo de transculturação, geram novas características culturais, híbridas, mestiças. O dossiê começa com uma série de artigos que tratam de questões de método e que analisam as relações pré ou protocôloniais, por parte dos gregos ou dos fenícios. Em seguida, o leitor vai encontrar material de síntese sobre a colonização grega na Magna Grécia e na Sicília, na costa do Adriático, no Sul da Gália (com suas ramificações na costa espanhola) e no Mar Negro, mas também sobre a experiência colonial singular das clerúquias atenienses nos séculos V e IV a.C., instalações relacionadas ao fenômeno histórico do assim chamado imperialismo ateniense do “século de Péricles”. Mas os textos trazem também uma síntese dos debates conceituais, além de ilustrar a diversidade de fontes disponíveis ao pesquisador, apresentando ainda percursos metodológicos de operacionalização entre as questões e estas fontes. Por exemplo, todos textos colocarão com muita clareza, ao estudante e jovem pesquisador, como a singularidade deste processo não é redutível à experiência do colonialismo moderno, entre tantos fatores, simplesmente porque uma vez fundada a *apoikia* (a instalação colonial), prevalecia a independência política e econômica desta com relação a sua metrópole, apesar dos laços culturais. De forma bastante clara, são apresentados o significado, a etimologia e as implicações históricas dos conceitos relativos à colonização forjados pelos próprios antigos.

Os resultados que apresentamos ao leitor incluem vários aspectos positivos, e gostaríamos de destacar alguns. Um deles está em promover a aproximação acadêmica, na área, entre autores de três nacionalidades, brasileira, francesa e italiana. Todos pesquisadores que se dedicam, há bastante tempo, a pensar a complexidade e singularidade das experiências coloniais (assim como “pós-coloniais”) deste mundo

multicultural gerado pelo efeito dessas mobilidades e empreendimentos coloniais antigos. Do lado brasileiro, as duas autoras que contribuem são vinculadas ao Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, mais especificamente ao Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga - LABECA, centro de pesquisa que se consolidou como referência no Brasil sobre estudos da cidade, e que em nosso país foi a base para a formação de novos pesquisadores e de pesquisa arqueológica densa sobre diversas experiências coloniais. Este laboratório faz um importante trabalho de divulgação acadêmica do tema, e disponibiliza ao estudante e pesquisador um *site* bastante útil para buscar apoio o mais variado¹. Do lado europeu, juntam-se aqui arqueólogos e historiadores que representam a vertente franco-italiana dos novos estudos sobre a colonização grega, e vinculados a diferentes universidades francesas, tais como Université Paris 1 - Panthéon Sorbonne, Université de Grenoble Alpes, Université de Bourgogne - Franche-Comté, Dijon, Université de Haute-Alsace, Mulhouse, e diferentes grupos de pesquisa cancelados pelo CNRS, como o AnHiMA (Anthropologie et Histoire des Mondes Antiques), o ARTEHIS (Archéologie, Terre, Histoire, Sociétés) e o ArchiMedE (Archéologie et histoire ancienne : Méditerranée-Europe).

Assim, a política editorial de publicações bilíngues estimulada pelos *Cadernos do LEPAARQ*, e seguida neste dossiê, visa a um duplo movimento: de um lado, possibilita ao estudante brasileiro, que muitas vezes ainda não domina o suficiente idiomas estrangeiros, que tenha acesso em português a textos de pesquisadores estrangeiros que sejam de referência, quer pela inovação e exemplaridade na pesquisa, quer pelo caráter de síntese e aprofundamento da reflexão conceitual. De outro lado, pelo mesmo princípio de internacionalização e promoção do diálogo acadêmico, publicam-se em inglês as contribuições de pesquisadores nacionais, de modo que o potencial de repercussão das contribuições deste dossiê fique positivamente fortalecido, em termos de poder alcançar um número maior de leitores, de um maior número de países.

Gostaria ainda de ressaltar que, do ponto de vista de seus conteúdos, o leitor poderá estabelecer conexões entre os diferentes textos. Com relação a isso, gostaria de destacar dois aspectos. O primeiro, perceber que as mobilidades que geraram esse Mediterrâneo em rede não resultaram apenas do processo grego de colonização. Outras mobilidades contribuíram; outros tipos de movimento se somaram, não necessariamente de forma concorrente a todo momento. E não é profícuo olhar estes processos coloniais como uma via de mão única. De um lado, foram protagonizados igualmente por outros povos, como fenícios e etruscos. De outro, os próprios indígenas (“colonizados”) não devem mais serem vistos como passivos, como vítimas inatas e ingênuas de um colonizar sempre agressivo e calculista, nem tampouco se deve pressupor formas *a priori* de inferioridade deste colonizado com relação a seu colonizador. Cabe outrossim compreendê-los como agentes que também protagonizaram este processo, em suas diferentes fases, com

¹ <http://labeca.mae.usp.br/>

estratégias diversas, com posições variadas de poder que ora oscilam para um lado, ora para outro, e ora estabelecem formas de convívio mais equilibrado.

O segundo aspecto, e talvez um dos mais importantes para nossas reflexões contemporâneas, é que o leitor verá emergir a imagem de um mundo antigo misto, em que qualquer acepção purista de identidade não resiste aos dados arqueológicos disponíveis hoje ao pesquisador. Identidades fluidas, dinâmicas, instáveis, mestiças e sob constantes negociações, nas quais nem sempre é claro qual o lado mais forte. E o leitor se perguntará... afinal, o que era a Grécia? E o que era ser grego?

Aos autores, nossa gratidão pela confiança depositada e esperamos que esse dossiê contribua para a divulgação bilíngue de suas pesquisas. Aos tradutores, igualmente nosso agradecimento. Quanto ao leitor, quem sabe deixe nele o gostinho de “quero mais”, a encomendar, pela frente, um segundo dossiê (Norte da África, Península Ibérica, Norte do Egeu, sub-colônias, etc.).

Fábio Vergara Cerqueira
(pelos organizadores)